

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

AS DUAS FACES DE UM MESMO PAPEL, SEM DICOTOMIA:

TEORIA E PRÁTICA, NO CURSO DE JORNALISMO

Macri Elaine Colombo; jornalistapedagoga@gmail.com ¹

RESUMO

O artigo: “*As faces de um mesmo papel: teoria e prática, sem dicotomia, no Curso de Jornalismo*”, por entendermos que esse embate deve ser travado a partir de sua cotidianidade dentro dos cenários que nela se configuram para acolher processos de ensino e aprendizagem. Mostraremos a importância tanto da teoria quanto da prática no desenvolvimento cognitivo dos graduandos na qual o alunado a entende como um curso técnico. Relataremos também as questões conceituais sobre teoria e prática e experimentais de profissionais da área acadêmica dos cursos de jornalismo. Utilizamos como levantamento preliminar para este estudo a pesquisa bibliográfica para dar embasamento, além da pesquisa de campo, a utilização da observação direta, conciliando com os estudos etnográfico. A conclusão assinala que, apesar dos esforços para sincronizar o ensino de maneira harmônica entre teoria e prática, não existe até o momento uma resposta decisiva para esse questionamento.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria. Prática. Educação. Curso Jornalismo.

1. INTRODUÇÃO

Basear a seriedade teoria e prática é fundamental para que se esclareçam algumas dúvidas ou questionamentos deste tema que iremos abordar neste artigo, para que se entenda a necessidade desta discussão no entorno ensino e aprendizagem o qual se desenvolve no cotidiano da práxis pedagógicas nos cursos de graduações, como o do jornalismo.

Portanto, esclarecemos importância da teoria e da prática dentro do presente trabalho, tanto no que se refere ao contexto que os estudantes encontram nas disciplinas que irão ou que já cursaram, como a relação que existe nas práxis como futuros profissionais.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UFAM e em Gestão Universitária pela Nilton Lins. Jornalista pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pedagoga pela Faculdade Boas Novas (FBN).



REALIZAÇÃO



APOIO



Os docentes tendem a mostrar aos alunos a relevância dos cursos estarem atrelados a teoria e a prática. Só assim poderão refletir e entender a funcionalidade do curso para obter uma formação educacional adequada. Consequentemente, colaborarão para a didática dos professores no que toca a disciplinas que exigem um pouco mais de teoria do que prática, para que posteriormente possam utilizar ambos os conceitos. Podemos citar alguns exemplos dessas disciplinas: Teoria da Comunicação, Semiótica, Teoria do Jornalismo entre outras.

Embasamo-nos em pesquisas etnográficas, por ser de práxis neste tipo de pesquisa realizar se as observações. Também utilizamos a pesquisa bibliográfica para dar embasamento, além da pesquisa de campo para responder a relevância da teoria e da prática, sem a necessidade de serem dicotômicas nas disciplinas dos cursos como o de jornalismo.

Tendo como referencial teórico Polistchuk & Trinta (2003), Traquina (2005), Ivanissevich (2005), dentre outros para que possam colaborar para transmitir credibilidade e para os debates científicos sobre o tema proposto, para este artigo científico.

2. TEORIA E PRÁTICA

Falar qual método deve prevalecer nas disciplinas de um curso de graduação é complexo e nos levará a uma pesquisa que visa dar margem para muitas discussões. Pena (s.d) relata que esta pauta no “mundo acadêmico”, deveria já ter sido ultrapassada. O que não vem acontecendo quando cita a comissão realizada, por especialistas do Ministério da Educação, no Brasil, que avaliam as condições dos cursos de jornalismo. Dentre as perguntas realizadas, que ainda permeiam os debates sobre o ensino do jornalismo. É se os cursos nas instituições educacionais devem ou não privilegiar com mais ênfase as disciplinas ditas como teóricas ou as práticas. O que induz a acreditar que exista uma dicotomia entre as disciplinas, ao ponto de separá-las em várias gavetas, sem que haja um intercâmbio, enfim uma conexão interdisciplinar, multidisciplinar e quiçá transdisciplinar entre elas.



REALIZAÇÃO



APOIO



O fato é que essa discussão de colocar na balança qual delas deve prevalecer na sala de aula é desnecessária, já que se deveria ter em mente que ambas são fundamentais para o processo cognitivo dos alunos. Como diz Polistchuk e Trinta (2003, p. 17-18) “teoria e prática são indissociáveis; contudo é possível, em algumas circunstâncias e devido a determinados fins, examinar minuciosamente uma, pressupondo a existência da outra”. Assim, a teoria informa a prática e a orienta em relação a como prosseguir na técnica, para que não se torne sem nexos e sem coerência, enfim para que haja alguma valia.

Lembremo-nos do filme *Tempos Modernos* (1936), em que Charles Chaplin retrata a vida de um trabalhador que segue o ritmo do Fordismo, produção em massa, implantado no auge da grande depressão capitalista na década 1930, em que o seu personagem vive freneticamente pondo em prática as peças na esteira para que seja ajustada a outras. Ele, entretanto, mal tem tempo para questionar por que e como está realizando essa função na fábrica; sem contar que não obtém tempo para pensar, sequer para refletir sobre a sua vida emocional.

Enfim ele era apenas um ‘robô’ que apenas fazia o que algumas instituições queriam realizar; estas não queriam seres pensantes, e sim mãos de obra que fizessem render lucros. Na conjuntura atual, alguns empresários da comunicação pretendem fazer ou já fazem isso com os jornalistas, principalmente os chamados “focas”, ou seja, é o jornalista recém-formado, que ainda não tem ampla experiência na profissão, pouco tempo de redação, e que geralmente tem dificuldades em administrar a pauta que foi encarregada para ele.

Pelo fato de:

[...] os recém-formados tendem a ser mais maleáveis e se adaptam mais facilmente às normas e políticas editoriais das empresas de mídia. Inexperientes e mais inseguros, os jovens jornalistas acabam aceitando salários mais baixos temendo a onda de desemprego. Mão de obra mais barata e adaptada ao jornalismo multimídia (PINTO, p.14, 2018).

Mesmo que em alguns casos o processo de produção da notícia se torne automático, e que nem sempre a teoria é lembrada no corre-corre das redações de



REALIZAÇÃO



APOIO



jornais, são o que vão dar sustentação à produção, que vai gerar o produto, enfim a notícia tanto para os “focas” como para os veteranos das redações. (TRAQUINA, 2005).

Meditich (1992) nos propõe que a práxis (constituída a partir da ação prática efetiva e a consequente reflexão de seu agente) teve seu sentido esvaziado a partir do instante em que ficou no meio-termo entre a teoria e a prática. Pois, seu verdadeiro significado indica a prática consciente acerca daquilo que se faz, não com viés meramente conceitual ou teórico. (SANTOS E LIMA, 2018). As teorias são responsáveis por fazer compreender o que é o jornalismo e como este é feito desde o processo da pauta até finalização do produto que chega ao público. O que passa pelas teorias como a *teoria newsmaking* que envolve a questão da noticiabilidade (o que faz um fato se tornar notícia ou não) e da importância do lucro para a empresa de comunicação; a *teoria gatekeeper* (quem decide o que vai ao conhecimento público) dentre tantas outras teorias existentes nesta profissão. (TRAQUINA, 2005).

Por seu turno, a prática deve dar à profissão o respaldo para a teoria se consolidar enquanto conhecimento pragmático, pois é por meio de experiências e de experimentação que se dá a teoria, caso contrário um pensamento não sairia da abstração e do vazio. Sem contar que é por meio das observações e de outras práticas que se aguça a curiosidade de se fazer pesquisa, de estudar e de compreender as coisas ao nosso redor; enfim a prática dá suporte à teoria.

Vejam, existem pesquisadores que passam horas debruçadas num livro (não que isso não seja bom) tendo embasamento teórico de todos os aspectos sobre um determinado tema, porém não entendem como isso, na prática, pode beneficiar a sociedade, pois apenas se pensa e não se faz, talvez por falta de criatividade ou de iniciativa.

Como nos colocam Santos e Lima (2018, p. 172) ao tomar uma posição ética e política, o jornalista deve buscar manter uma conduta coerente com aquilo que a práxis sugere: ir a campo, reportar os acontecimentos e, com isso em mãos, realizar seu trabalho (de maneira responsável e de acordo com as balizas que guiam sua ação consciente) para, finalmente, buscar intervir na esfera social com a produção do conhecimento que lhe é característico. Portanto, fazer uso de toda a teoria que apreendeu durante seus anos de estudos no Curso de Jornalismo.



REALIZAÇÃO



APOIO



Para Ivanissevich (2005) que relata que existe diferença entre o que é dito na sala de aula, com a realidade do dia a dia do jornalista,

A fórmula vendida nas escolas de comunicação para obter objetividade e imparcialidade é contrapor diferentes opiniões para que o público possa ter um quadro mais amplo - ou mais próximo da realidade - sobre dado assunto. Teoria e prática, todavia, nem sempre coincidem. E, mesmo que fosse possível apresentar pontos de vistas variados, existe sempre o viés do próprio repórter. Portanto, objetividade e imparcialidade absolutas são atributos que não se adequam ao jornalismo (IVANISSEVICH, 2005, p. 23).

Já Polistchuk e Trinta (2003) nos coloca que é inútil ficar andando em círculos, por entender que tanto a teoria e quanto a prática são essenciais, complementares para que se desenvolvam projetos, cidadãos competentes e reflexivos para a sociedade.

Teoria influi em práticas porque permite a abstração e a projeção; práticas verificáveis, por seu turno, proveem categoricamente os fundamentos sobre os quais as teorias se erguem. À teoria que se desdobra, tendo por horizonte imediato a prática, por um lado, e, por outro, a prática fortalecida pela ação teorizadora, os pensadores de orientação (filosófica) marxista conferem o nome de práxis (POLISTCHUK e TRINTA, 2003, p.24).

O que é corroborado pelo seguinte autor:

Os processos comunicacionais devem ser analisados e entendidos por meio do resgate às teorias, aos clássicos da nossa área. Sem esse vínculo com a história, seria impossível direcionar nossas ações de comunicação no presente e no futuro. No entanto a prática não vive sem a teoria, e vice-versa. No ensino, as experiências práticas fixam o conhecimento e abrem o horizonte dos alunos para a compreensão de discussões até então restritas somente ao campo teórico (SOARES, 2011).

Pena (2005, p.13) mediante suas pesquisas, chegou à conclusão de que “os currículos dos cursos devem articular teoria e prática, e não as separar em blocos monolíticos, sem intercâmbio”. O que nos esclarece sobre os questionamentos sobre a importância de realizar a teoria e a prática nas faculdades.



REALIZAÇÃO



APOIO



3. UMA EXPERIÊNCIA EMPÍRICA COM ESTUDANTES DE JORNALISMO

Os alunos, quando deparam em sala de aula com disciplinas tais como Teoria do Jornalismo, se assustam e logo bombardeiam o docente com perguntas do seguinte estilo: *Professora, a senhora vai dar um produto?* (traduzindo: dar prática, como produzir um livro-reportagem, um curta, jornal laboratório etc.)

O professor como de práxis explica a diferença entre teoria e prática e que ambas são prioritárias para o embasamento intelectual deles e que, dependendo do momento, uma pode prevalecer em relação à outra, entenda-se que, de maneira equilibrada, essa diferença pode ocorrer. E se utiliza dos pesquisadores entre eles Pena (2005) para continuar a responder de que para ser jornalista é preciso estudar jornalismo. E isso se faz nas faculdades que ofereçam cursos de Jornalismo que demonstrem através da matriz curricular a superação de ficarem em dúvida entre a importância da teoria e da prática nos cursos. Que mostrem como as articulam de maneira harmônica essa situação, para que os alunos possam ser profissionais qualificados no mercado de trabalho e serem cidadãos com ética e com moral.

Podemos citar, nesta disciplina, uma situação em que os graduandos em Comunicação de uma determinada faculdade particular em Manaus-Amazonas, realizaram em 2016, um curta-metragem tendo como maior foco a teoria gnóstica e a teoria organizacional, segundo a qual este mostrava o cotidiano dicotômico do personagem Moacir, enfim, de um jornalista.

Vale a ressalva de que este curta concorreu, com o título: *Corrente Jornalística*, na modalidade: filme e ficção (avulso) na Intercom Norte de 2017. Realizado na Faculdade Boas Novas, Manaus-AM, nos dias 24 a 26 de maio de 2017.

Porém, Barbosa (2013) nos faz refletir de que a prática, a qual os professores assim a chamam, para o entendimento dos alunos, na verdade é extensão do ensino e aprendizagem.

Quando o educador decide realizar supostas atividades como uma fotonovela para concorrer a prêmios na Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), este dá um prazo de entrega definitiva deste



REALIZAÇÃO



APOIO



produto, mas o fato é que antes o docente explica, ajuda, orienta, pondera, ‘as vezes dá mais tempo para a finalização. Sabemos que no mercado de trabalho em um veículo de comunicação, não tem este prazo de entrega estendido de uma matéria e ninguém que ensine. Afinal a prática neste caso é diferente da que é dita no espaço escolar.

Ao entrevistar os educadores e em conversas em grupo no cotidiano do ofício de lecionar (não citaremos nomes, por uma questão ética), o discurso que estes possuem dentro da sala de aula prevalece com maior ênfase a importância da prática, no contexto de estarem cooperando para o ingresso dos educandos no mercado de trabalho, mas estes, sentem-se frustrados por terem que seguir a linha pedagógica educacional de algumas faculdades, a qual visam o lucro. Importando ter maior quantidade de “clientes” em suas instituições.

Acreditam também que a postura de alguns estudantes em querer apenas a prática se justifica, pela falsa ideia, ‘agendadas’ por determinadas mídias engendradas no sistema capitalista de que com prática terão maior chance de conseguir um emprego na área de comunicação.

Por outro lado, utilizando o estudo promovido pelo projeto Jovens Agentes pelo Direito ‘a Educação (JADE) desenvolvido em 2007, passando para a realidade dos jovens que frequentam a faculdade de jornalismo, percebeu-se que certos alunos quando ‘cobram’ a prática dos docentes, estão se referindo que se tenha nos ensinos superiores novas propostas para sua formação e que respondam aos seus desejos, oferecendo desta forma, novos elementos no dia a dia do aprendiz, o que inclui recursos tecnológicos como meios didáticos, ou seja, um ensino que ofereça uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, juntamente com uma adequada introdução das tecnologias de forma a assegurar melhor entendimento dos conteúdos, para desenvolver a criatividade dos alunos na preparação de exercícios próprios da disciplina. (SOARES, 2011 b). E não um ensino que prevaleça uma educação bancária, onde os alunos são depósitos de conteúdos administrados pelos educadores. (FREIRE, 1987).

Sem contar que, como futuros comunicólogos, têm que pensar que, quando receberem seu diploma, automaticamente estarão selando um contrato com a sociedade para serem guardiões dela, enfim eles serão todas as sensações e



REALIZAÇÃO



APOIO



consequentemente as percepções da sociedade, pelo fato de os cidadãos não poderem estar em todos os lugares e de terem a facilidade de ingressar nos fatos que podem se tornar notícia. Para Traquina (2008, p.20):

Ao longo do tempo a maioria das pessoas têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o Jornalismo para se manterem em dia com os últimos acontecimentos, para os combinarem com um conhecimento dos tópicos que lhes permitam participar de conversas pessoais e de grupo, talvez para se sentirem reassseguradas de que, por meio dos vários produtos do jornalismo, não estão a perder algo, ou para serem fascinadas pela alegria ou pelas tragédias da vida.

Nesse sentido, iremos encaixar uma questão hoje muito discutida, que é a função do jornalista, o qual, diretamente ou não, acaba educando o seu público (MATOS, 2013). Assim, o professor tem que ter habilidade para mostrar ao aluno que a tanto a prática como a teoria, podem objetivar que se realizem projetos práticos e duradouros, e não apenas para um determinado tempo, visando somente obter nota em uma disciplina ou frequentar algum congresso, palestra, evento etc. O docente também não deveria utilizar essas práticas como procedimentos pedagógicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das observações participativas com o método e técnica etnográfica pudemos explicar os motivos do embate quando o assunto é teoria e prática entre alunos e professores, especificamente no curso de Jornalismo.

Concluimos assim que o maestro deve deixar claro para os estudantes que tanto a teoria como a prática possuem conceitos distintos, porém ambos devem andar juntos, para que estes futuros profissionais possam atender à necessidade do mercado de trabalho. E que eliminem o estigma de que precisa o quanto antes realizar a tarefa prática em sala de aula, para poder ingressar em um trabalho. Aliás, em algum caso pode até ser verdade devido o mundo capitalista onde tempo é dinheiro. Mas, tentamos esclarecer que as práticas nas instituições são na verdade extensão do ensino e aprendizado.



REALIZAÇÃO



APOIO



Para responder ao questionamento: Será que vão durar muito tempo no emprego, sem que tenham a capacidade de pensar, refletir dentro de uma empresa? Respondemos: Não, porque as empresas, mesmo utilizando o método ‘fordista’ ou ‘taylorista’, exigem ainda hoje pessoas que estejam dispostas a dar soluções criativas e econômicas para acompanhar a concorrência que cada vez mais se torna uma realidade no meio jornalístico.

Como exemplo, colocamos: quando o estudante de Jornalismo tem em suas mãos todos os dados dos fatos colhidos e tem que convertê-los para uma linguagem jornalística impressa, por um momento, ele fica sem saber o que fazer com a informação, por não ter tido atenção às teorias ensinadas no curso, onde os professores explicaram a função do *lead* para o primeiro parágrafo e da pirâmide invertida, que visa ‘segurar o leitor do início da leitura até o fim’ para que o texto não se torne um ‘nariz de cera’.

Ao convertermos o mesmo exemplo, porém mostrando a importância agora da prática, o aluno, em uma redação de um jornal impresso, sabe o que é *lead* e pirâmide invertida mecanicamente, mas não sabe como colocá-la em prática de maneira criativa para chamar a atenção do leitor, com a finalidade de vender o jornal, por achar que fazer jornalismo é estar realizando apenas a técnica.

Desse modo, essa necessidade de formação já deveria ter-se tornado senso comum, ou lógico, mas o fato é que ainda existem lacunas sobre este conceito e, por isto resolvemos pesquisar este tema para contribuir de forma a sanar quaisquer dúvidas em relação a prática e teoria do ensino e aprendizagem no Curso de Jornalismo.

Por entendermos que é impossível dissociar a teoria da prática, mesmo que, no cotidiano, os profissionais da comunicação não parem para pensar qual a influência que uma exerce sobre a outra.



REALIZAÇÃO



APOIO



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Walmir de Albuquerque. **Sexta seção de aulas: A vida cotidiana sob a perspectiva do interacionismo simbólico.** Disciplina tópicos especiais I: estudos do cotidiano: teoria e pesquisa, Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM), Manaus/AM, abril e maio de 2013.

Fordismo. Disponível em: https://www.infoescola.com/administracao_/fordismo/
Acessado: 29 set. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Oprimidos**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IVANISSEVICH, Alicia. **Formação & Informação Científica: jornalismo para iniciados e leigos.** VILAS BOAS, Sérgio (org.), São Paulo; Summus, 2005.

MATOS, Sara. ESTRÁZULAS Jimi Aislan. **O Jornalismo Educativo como gênero de Jornalismo Especializado.** XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte-Intercom Norte- Manaus- AM, 01 a 03 de maio de 2013.

Disponível: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0475-1.pdf>
Acessado: 18 de agosto de 2020.

MEDISTCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **A Teoria do Jornalismo no Brasil – após 1950.** s.d

Disponível:

<http://www.felipepena.com/site/artigos/A%20Teoria%20do%20Jornalismo%20no%20Brasil.pdf> Acessado: 17 de agosto de 2020.

PINTO, Thamara Machado. SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues. **Focas em pauta: a percepção dos jovens jornalistas capixabas sobre trabalho e precarização.** VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR) FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – 7 a 9 de novembro de 2018. Disponível: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/viewFile/1311/638>
Acessado: 10 de jan. de 2021

POLISTCHUK, Ilana. TRINTA, Aluizio R. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social.** Rio de Janeiro, Elsevier, 2003.

SANTOS, Janaíne Kronbauer dos; LIMA, Samuel. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo.** Ponta Grossa v.5, n.2, p. 164-180, Jul/Dez, 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** v.1 Insular, Florianópolis/SC, 2005.



REALIZAÇÃO



APOIO



Tempos Modernos (Modern Times, EUA 1936). Direção: Charles Chaplin, Elenco: Charles Chaplin, Paulette Goddard, 87 min. preto e branco, Continental.

SOARES, Grace. **As duas faces de um mesmo papel, sem dicotomia: teoria ou prática, no curso de jornalismo.** Manaus, 20 out. 2011.a (Entrevista concedida a Macri Elaine Colombo, como requisito para a elaboração do artigo científico).

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuição para a reforma do Ensino Médio.** São Paulo: Paulinas, 2011.b.